

Skate no Júlio: o currículo cultural em ação

Prof. Pedro Xavier Russo Bonetto

EMEF Júlio Mesquita

O projeto em questão foi realizado em uma escola pública do município de São Paulo, a EMEF Júlio Mesquita, e envolveu três turmas do 5º ano (B, C e D) do Ensino Fundamental, no primeiro semestre de 2013. As ações pedagógicas e orientações didáticas do currículo construído fundamentaram-se no Projeto Eco-político-pedagógico (PEPP)¹ da unidade escolar, no Projeto Especial de Ação (PEA)² e nas Orientações Curriculares³ da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP). Partiu da compreensão da Educação Física como componente curricular inserido na área da linguagem e as produções lúdicas da motricidade humana sistematizada como manifestações culturais pertencentes a determinados grupos e, por isso, detentoras de marcas identitárias.

O trabalho teve início com o mapeamento dos saberes dos alunos. De acordo com Neira e Nunes (2006; 2009), mapear significa identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo. Para tanto, procurei saber sobre o que os alunos tinham estudado nas aulas de Educação Física dos anos anteriores e quais as manifestações da cultura corporal tinham acessado dentro e fora da escola. Nessas atividades, utilizei o gravador de voz do aparelho celular para registrar a fala dos alunos.

Os discursos gravados mostraram que fora da escola alguns meninos praticavam futebol *society* e futebol de campo, ambos em escolinhas de esportes, e judô no Clube Escola do bairro. Uma das meninas fazia kung-fu em academia e outras duas praticavam natação. Muitos gostavam de jogar videogame, navegar na internet e interagir pelas redes sociais usando computadores, *tablets* e celulares. Alguns meninos empinavam pipa, dançavam funk e andavam de skate na rua. Apenas uma menina relatou que de vez em quando andava de skate. Ela e outros três meninos comentaram que começaram a praticar porque o pai também

¹ No ano de 2013, o projeto destaca, além das questões de ecologia na cidade de São Paulo, a diversidade cultural.

² Orienta a Jornada Especial Integral de Formação (JEIF). Tem como título: Compreender o outro para compreender o mundo: Ler e escrever para desenvolver o respeito à diversidade étnica, social e físico-mental como condição para uma escola em que os alunos avançam em suas proficiências.

³ Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

praticava. Apenas um aluno disse que a mãe também gostava de andar de skate. Estas quatro crianças e outras duas, cujos pais não eram skatistas, conheciam a pista de skate do bairro, situada no Centro Educacional Unificado (CEU) Butantã.

Dentro da escola, incluindo as aulas de Educação Física, disseram que costumavam jogar futebol, vôlei, queimada, correr, brincar com corda, pega-pega e fazer ginástica (alongamento).

Ainda nas aulas iniciais das três turmas falei principalmente sobre o que poderia ser tematizado na Educação Física. Informei-os sobre as várias possibilidades de temas culturais⁴, utilizando exemplos de professores de outras escolas que desenvolveram com seus alunos, projetos como: futebol americano, artes marciais, danças como funk e hip-hop, além de bicicleta, skate e patins. Demonstrei abertamente que um dos objetivos desta conversa inicial era motivá-los a construir coletivamente um currículo.

Diante do que ouviram os colegas dizerem que praticavam e brincavam dentro e fora da escola, propus uma escolha participativa da manifestação corporal que estudaríamos, excluídas somente as práticas que já tinham sido contempladas nos anos anteriores. Solicitei como tarefa de casa que escolhessem uma dança, esporte, luta, brincadeira ou ginástica como proposição de tema para o semestre e elaborassem três argumentos em defesa da manifestação corporal escolhida.

Nos dias que seguiram, os alunos trouxeram suas anotações propondo diversas temáticas: MMA, *jiu-jitsu*, boxe, *muay-thai*, patins, skate e basquete. Todas foram coletivamente discutidas a partir dos argumentos apresentados. Primeiramente, na turma “B”, seguida pelas demais, decidimos estudar o skate. Os motivos elencados foram:

- 1) Porque nunca estudaram essa manifestação na Educação Física;
- 2) Disseram que gostariam de aprender a andar de skate na escola, porque na rua é perigoso e a família não deixa;
- 3) Reclamaram que queriam estudar o skate, porque viram no ano passado alguns alunos com skate na escola. Apesar de não se tratar de aulas de Educação Física, disseram que “se os ‘maiores’ podiam andar de skate eles também podiam”;
- 4) Mesmo os alunos que propuseram outros temas, quando falamos sobre o skate ficaram empolgados com a possibilidade de estudá-lo na escola.

⁴ Os temas culturais incorporam no currículo, para além dos conteúdos legitimados na e pela escola, os saberes populares, enfocando qualquer desses conhecimentos por meio de múltiplas perspectivas culturais, políticas, econômicas, sociais. O que importa é a produção de múltiplos sentidos sobre os processos de significação do objeto em análise (CORAZZA, 1997).

Diante dos argumentos e do mapeamento inicial, considerando também o princípio da “justiça curricular”⁵, tematizar o skate contemplaria os conhecimentos de um grupo cultural presente na escola e na sociedade e que tradicionalmente foram excluídos das aulas do componente. Ao ouvir o segundo argumento, de que alguns alunos, por motivo de segurança, não podiam andar de skate na rua, percebi que problematizar essa questão seria interessante, uma vez que uma das principais modalidades de skate, o *Street*, é praticado essencialmente nas ruas.

Para a maioria dos alunos, o clima de empolgação foi seguido de desconfiança, pois inúmeras vezes perguntaram se seria possível, se não iríamos nos machucar e como faríamos uma vez que a escola não possuía skates.

Aproveitei o interesse inicial dos estudantes para explicar a metodologia que pautaria as aulas durante o ano letivo, o formato do projeto, a avaliação pautada nas atividades propostas, as vivências com revezamento de material, a assistência aos vídeos, as entrevistas com praticantes experientes e o registro de algumas atividades no caderno, entre outras situações que poderiam acontecer⁶.

Uma vez decidida a manifestação cultural a ser estudada, dei continuidade ao mapeamento para conhecer as representações que circulavam em torno do skate, solicitando aos alunos que respondessem nos cadernos as seguintes questões:

- 1) Onde você costuma ver as pessoas andando de skate?
- 2) Como essas pessoas andam de skate?
- 3) Você conhece alguém que pratica/anda de skate? Quem é essa pessoa? (Pergunte se futuramente ela pode colaborar com o nosso projeto vindo um dia na escola para falar sobre o skate).
- 4) Você conhece alguma manobra ou modalidade de skate? Se conhecer, escreva (ou desenhe) o nome e suas características.

Ressaltei que se tratavam de respostas pessoais que serviriam apenas para levantar as informações que possuíam sobre o tema. Do material produzido, destaco as seguintes frases: “Na minha rua a gente desce a ladeira sentado no skate”, “Meu pai sabe fazer *ollie*, *varial* e

⁵ Neira e Nunes (2009) tomam de empréstimo essa expressão de Robert Connell (1993) para caracterizá-la como um princípio para a efetivação do currículo cultural de EF. Trata-se tanto da distribuição equilibrada das diversas manifestações da cultura corporal no currículo, como da seleção de atividades de ensino que valorizem múltiplas linguagens e, com isso, diversos sujeitos.

⁶ Nesta fase houve pouca resistência por parte dos alunos, alguns poucos queriam jogar futebol durante o ano todo. Como resposta expliquei que um dos principais objetivos da Educação Física seria conhecer a grande variedade de manifestações da cultura corporal.

flip”; “No meu bairro, os caras andam de skate na pista. Lá tem as rampas que eles ficam descendo e subindo”; “Meu irmão tem um *long*. Ele e os amigos dele usam pra descer a rua. Eles fazem uma manobra que se chama *slide*”; “Tem um cara na minha rua que sabe pegar corrimão”; “Tem uma modalidade que é a Megarrampa que de vez em quando passa na TV”; “Tenho dois jogos de skate no videogame”.

Com base nesse segundo mapeamento, percebi diferentes formas ou possibilidades de andar de skate: um “descia rua”, “outro pegava corrimão” e outro “jogava jogo de skate no videogame”. Decidi que seria importante tematizarmos as modalidades de skate e suas características. O que me levou a selecionar as seguintes expectativas de aprendizagens⁷:

- 1) Identificar e analisar as diferentes formas de se andar de skate (sentado, em pé, se deslocando, em pé parado/a, fazendo manobras, competindo, etc.);
- 2) Identificar as principais características das modalidades de skate abordadas (*street, downhill, downhill slalon, freestyle, megarrampa* e vertical), bem como seus artefatos, manobras, regras, estratégias etc.;
- 3) Adotar atitudes de solidariedade e cooperação durante as atividades, principalmente as vivências, além de emprestar materiais aos colegas;

Para obter os equipamentos necessários às vivências, elaboramos um comunicado para os responsáveis dos alunos que possuíam skate, capacete etc., visando a autorização para trazê-los e compartilhá-los.

Na aula seguinte, muitos alunos trouxeram seus skates e equipamentos de segurança. Na quadra, demonstraram as manobras e movimentos que surgiram no mapeamento. Um demonstrava (ou fazia uma tentativa), em seguida emprestava o skate para o colega para que também pudesse tentar. Em pequenos grupos, vivenciaram as formas de andar sentado, na descida do pátio ou com alguém empurrando, andaram em pé se deslocando (remando) e tentaram as manobras *ollie, varial, flip-ollie*, além de “pegar corrimão” com um poste de vôlei deitado no chão. Essas vivências duraram nove aulas.

⁷ Adaptadas das Orientações Curriculares da SME/SP.



Em certa ocasião uma aluna trouxe um vídeo elaborado por skatistas profissionais realizando manobras “básicas”. Assistindo ao filme, os alunos descobriram que as remadas que faziam, imitando o colega que havia apresentado, possuem variações classificadas em *guffy*, regular e puxada mongo⁸, conforme a posição dos pés sobre o *shape*⁹. Na quadra, experimentamos essas diferentes formas de remar. Cada qual encontrou facilidade em uma delas. No filme visualizaram o *ollie* e *flip-ollie*, duas manobras que já tinham sido vivenciadas no início das aulas, e outras como o *fakie-ollie*. Na quadra, tentaram fazê-las, agora com as dicas dos profissionais anotadas nos cadernos durante a assistência ao vídeo.

⁸ Respectivamente: com o pé direito sob a parte da frente do *shape*, com o pé esquerdo sob a parte da frente do *shape* e com qualquer um dos pés na parte de trás do *shape*.

⁹ Parte de madeira do skate.



Após algumas aulas observando as vivências, percebi que os alunos já compreendiam, demonstravam valor estético e se sentiam desafiados pelas manobras e movimentos do skate. Constatando a dificuldade em relação à execução das manobras em várias ocasiões, propus que adaptassem as manobras, modificando-as de modo a torná-las mais fáceis. Neira e Nunes (2006) denominam esses procedimentos de remodelação das práticas de resignificação. Visando contemplar a expectativa de aprendizagem, “identificar as principais características das modalidades de skate”, e considerando que muitos alunos conheciam jogos de skate no videogame, solicitei que os trouxessem. Um aluno da turma B trouxe o videogame, outros alunos trouxeram os controles, um aluno da turma D trouxe o CD do jogo “Tony Hawk- Underground”, baseado na modalidade *street* (skate de rua), e uma aluna da turma B trouxe o CD do jogo “Tony Hawk - Donwhill”, inspirado na modalidade *downhill* (morro abaixo).

Na sala de reuniões da escola, que possui uma televisão grande e muitas cadeiras, solicitei que se organizassem, resolvendo os conflitos¹⁰ por meio do diálogo e da negociação, de modo que todos tivessem a oportunidade de jogar. Jogaram dois a dois e os que não estavam jogando no momento, ficavam assistindo, controlando o tempo do revezamento e respondendo a algumas perguntas que eu fazia a respeito do que eles viam no jogo.

No primeiro jogo repararam que a modalidade *street* utiliza o *shortboard* (skate normal). É necessário andar pelos obstáculos: rampas, corrimãos, bancos etc., e o vencedor é aquele que faz as manobras mais difíceis e em maior número. Não existe um trajeto

¹⁰ Discussões e brigas eram constantes em todas as atividades de ensino anteriores, principalmente quando algum/a aluno/a não respeitava a vez dos colegas durante as vivências.

obrigatório. No segundo jogo, *downhill*, identificaram que os skates são *longboards* (com *shapes* e rodinhas maiores que os skates das modalidades *street* e *freestyle*), a pista é basicamente uma ladeira, ou “descidona” como disseram, os skatistas apostam uma corrida e ganha quem chega primeiro na linha de chegada. Alterando as configurações do jogo, localizaram a modalidade *downhill slalon*, com as mesmas regras da anterior, porém, nesta, os skatistas devem fazer zigue-zague entre cones ou argolas. A vivência dos jogos de videogame ocupou cinco aulas.

Buscando aprofundar o conhecimento dos alunos sobre outras modalidades de skate, pesquisei vídeos da internet sobre as modalidades da megarrampa, *freestyle* e vertical. Apesar das confusões, muitos alunos conseguiram identificar nos vídeos que se tratavam de modalidades que ainda não haviam visto. Solicitei que anotassem as características de cada uma, bem como dos skatistas. A modalidade megarrampa, por aparecer na TV aberta esporadicamente, foi reconhecida por uma parte da turma. Mostrei o vídeo de um evento no Rio de Janeiro no qual um skatista chamado Ítalo Romano tentava ser o primeiro amputado a conseguir saltar sobre a megarrampa. No vídeo “Manobras de Skate Freestyle” vimos que nessa modalidade não existem obstáculos e o local de prática é plano. Conheceram novas manobras como o *rail*, *edge*, *impossible*, *pogo*, *walk the dog* e o *manual*¹¹, que tinha sido visto pela maioria dos alunos no jogo de videogame “Tony Hawk- Underground”. Perceberam, então, que as mesmas manobras podem ser executadas em modalidades diferentes. Aprenderam, assistindo ao vídeo “Maresia Vert Jam 2013- resumo de sábado”, que a modalidade vertical se caracteriza por ser praticada em altas rampas chamadas *half*, com o objetivo de pontuar através de manobras difíceis e em maior quantidade que os adversários. O último vídeo assistido “2º Etapa do Circuito Paulista de skate 2012- São João da Boa Vista” resumia e destacava os resultados das diferentes categorias de um campeonato da modalidade *street*.

Além das características da modalidade, partindo do que Canen (2010) chamou de “dinâmicas de sensibilização de identidades”, selecionei vídeos que ilustravam skatistas que se distinguem da identidade hegemônica (homem, jovem, atleta, com certas condições físicas etc.). Nas gravações escolhidas, crianças, amadores, mulheres/garotas e um atleta com as pernas amputadas praticavam e competiam no mesmo evento dos homens profissionais. Logo no início da assistência, um aluno comentou: “As meninas só conseguem

¹¹ Manobra em que o skatista se equilibra, podendo ser apenas nas rodinhas de trás do skate (*tail wheelie*), nas rodinhas da frente (*nose-wheelie*), ou em apenas uma das rodinhas, como o *tail wheelie one wheel* e o *nose wheelie one wheel*.

fazer as manobras fáceis”. Alguns concordaram, mas no transcorrer do vídeo viram que as manobras feitas pelas mulheres/garotas também eram elaboradas e difíceis, o que fez com que percebessem que as atletas do gênero feminino conseguiam fazer as mesmas manobras dos homens.

Em relação aos registros e avaliação, além dos escritos e desenhos no caderno, pensei em registrar o projeto, construindo skates de dedo e pistas em forma de maquetes, visando o alcance de outra expectativa de aprendizagem selecionada: “elaborar formas de registro (escrita, relato oral, maquete das pistas e skate de dedos) acerca da manifestação da cultura corporal skate”.

Isso porque ainda na época dos mapeamentos iniciais, os alunos me apresentaram um colega da quarta série que confecciona skates de dedo utilizando lixa de parede, cola, papel e rodinhas de carrinhos velhos. Os alunos disseram que existiam tutoriais na internet que ensinavam a fazer os skates. Fiz o *download* de dois vídeos e mostrei-os nas turmas. Durante três aulas, colando folha por folha, colando a lixa, desenhando na parte inferior, passando cola branca e prendendo as rodinhas, conseguimos construir os tais skatinhos de dedo. A turma envolveu-se com a atividade, mesmo que muitos não seguissem os tutoriais e inventassem modelos de *shape*. Na continuidade, tentamos reproduzir com os dedos as manobras conhecidas do skate normal.

O próximo passo foi a confecção das pistas. Para tanto, utilizaram as caixas de papelão que continham os materiais escolares entregues pela prefeitura e que haviam sido descartadas. Decidimos que a turma B faria pistas de *downhill* (descidas), a turma C pistas de *street* (com muitos obstáculos) e a turma D, pistas da modalidade vertical. Confeccionamos as maquetes em quatro aulas, as primeiras na quadra e as últimas na sala de artes. Ao término, todas as pistas foram dispostas na sala de projetos e cada turma experimentou-as com seus skates de dedo. Encerrada essa etapa, as pistas foram guardadas para que pudessem ser apresentadas na feira cultural da escola no final do ano.

De volta à quadra tentamos fazer uma manobra denominada *slide*, que um dos alunos conhecia e também tinha sido observada no jogo de videogame “Tony Hawk-*Downhill*”. Esse aluno, cujo irmão era praticante dessa modalidade, disse que essa manobra só era possível com um skate *longboard* na descida. Depois de várias tentativas, um aluno disse: “Dá pra fazer o *slide* aqui na quadra, mas com os skates de rodinha de plástico, porque tem que deslizar, com os skates de rodinha de gel é impossível, pois prende no chão e não escorrega”. Mais uma vez, a turma ressignificou a manobra de acordo com as condições disponíveis: skates pequenos e local plano.

Avaliando o projeto até o momento, percebi que ainda faltava problematizar as identidades que circulam em torno da referida manifestação, bem como a possibilidade ou não de praticá-la na rua, selecionei outras duas expectativas de aprendizagem: “reconhecer a manifestação como característica de um determinado grupo cultural, analisando estereótipos e traços de preconceito” e “ancorar a referida manifestação da cultura corporal, contextualizando-a histórica e socialmente”;

Em uma atividade na sala de aula, solicitei que desenhassem um skatista com todos os apetrechos usuais. Muitos desenharam skatistas com fones de ouvido, uns escreveram “rap” e “rock”, desenharam calças *jeans*, camisas xadrez, tênis grandes. Quase não havia equipamentos de segurança e três alunos desenharam skatistas fumando um cigarro que disseram ser de maconha. A distribuição dos desenhos do gênero feminino e masculino foi equilibrada, porém ninguém desenhou um skatista amputado. Quando questionados, disseram apenas que não lembraram. Perguntei para as turmas se na opinião os skatistas usam drogas. Grande parte disse que sim. Exemplificaram mencionando colegas e conhecidos que além de skatistas são usuários. Também citaram o falecimento por envenenamento do cantor Chorão, vocalista da banda Charlie Brown Jr.

Pensando em desestabilizar essas identidades congeladas, convidei dois ex-alunos skatistas para conversar com as turmas. Na primeira parte de uma aula, pedi para os alunos olharem os desenhos e compararem com os modos de se vestir dos convidados. Apontaram uma série de semelhanças. Os convidados afirmaram que usam determinados tênis¹² porque são resistentes e permitem maior aderência no *shape*. Em relação às vestimentas, devem ser largas por conta dos movimentos, mas que o estilo, que identifica a pessoa como skatista, também é importante. Os alunos perguntaram sobre como começaram a andar de skate, qual modalidade praticavam, onde andavam e não demorou para que os alunos perguntassem se eles usavam drogas.

Disseram que andavam principalmente nas ruas, calçadas e em pistas. Enfatizaram que é necessário muito cuidado com os carros e que em alguns lugares é proibido andar de skate e, em outros há restrição de horários por conta do barulho. Afirmaram que conheciam alguns skatistas que faziam uso de drogas, em festas ou na rua, mas não durante o treino. Relataram que skatistas profissionais ou que pretendem evoluir nas manobras, não podem fazer uso, ao menos com frequência, uma vez que não conseguiriam sequer ficar em pé no skate, quanto mais treinar exaustivamente. Os alunos concordaram, alguns chegaram a imitar

¹² Do tipo cano médio, de couro e sem amortecedores.

um skatista aparentemente bêbado e concluíram que realmente não dava, pois é um esporte que necessita de muito equilíbrio e precisão. Os convidados também citaram exemplos de colegas skatistas que não usavam nenhum tipo de droga, disseram que na turma deles ninguém usava.

Na segunda parte da aula, fomos à quadra e solicitei aos convidados que demonstrassem algumas manobras. Sendo praticantes da modalidade *street*, fizeram manobras no poste de vôlei deitada no chão e num degrau do pátio. Os alunos seguiram experimentando algumas técnicas, uma parte da turma apenas apreciou, pois disseram que as manobras eram muito difíceis. Diante das dificuldades relatadas, principalmente por um grupo de meninas, os skatistas enfatizaram que para “tirar” as manobras mais difíceis é necessário muito treino. Disseram também que conheciam muitas mulheres skatistas e que elas eram muito habilidosas.

Considerando que a ancoragem socialmente os conteúdos, implica em abordar como se construiu historicamente um dado conhecimento, como as raízes históricas e culturais desse processo são usualmente “esquecidas” (MOREIRA; CANDAU, 2003), fizemos a leitura de dois textos¹³ com diferentes versões sobre a origem do skate. Também foram apresentadas imagens de skates antigos e de patinetes (*scooters*) que inspiraram os primeiros artefatos. Os alunos se interessaram bastante, notaram que existem várias histórias sobre a origem dessa prática corporal e, em relação às imagens, fizeram várias comparações: “Esse parece uma carroça velha”; “Os *longboards* parecem bastante com pranchas de surf”; “Esse skate de madeira parece carrinho de rolimã”; “Antes não tinha rodinha de gel, elas eram de plástico e ferro”; e “Esse skate não tem *tail* nem *nose*”.

Concluimos o projeto com outra atividade de ampliação. Dessa vez, fomos para um evento de skate no CEU Butantã. Lá praticamos algumas manobras numa pista de *street* junto com os skatistas e no final do dia, assistimos o curta-metragem *Cityzen*¹⁴.

Encerramos o projeto avaliando-o em forma de conversa, aqueles que fizeram uso da palavra apontaram aspectos positivos, disseram que aprenderam bastante sobre o skate, e perceberam que a ideia não é somente vivenciar e sim estudar várias dimensões sobre a manifestação corporal. Um dos alunos, compreendendo a intenção do currículo cultural da

¹³ Um deles relatava a origem nos Estados Unidos, mais precisamente na Califórnia por volta dos anos 1960, onde surfistas, diante da falta de ondas, inventaram o “*sidewalk surfing*”, ou surf de calçada. Outro mencionava uma história mais antiga, por volta de 1918, em que um garoto norte-americano chamado Doc Ball desmontou os patins da irmã e montou um skate em um *shape* de madeira. Ele andava com o joelho apoiado e dava impulso com o outro pé, e mesmo não ficando em pé, o texto dizia que a essência do skate nascia ali.

¹⁴ De acordo com a sinopse, o documentário acompanha cinco atletas de skate interagindo com pontos importantes da cidade de São Paulo, como a Avenida Nove de Julho e a Praça da Sé.

Educação Física, disse que se o mesmo processo for feito com outros esportes, danças, brincadeiras, ginásticas e lutas até o último ano do Ensino Fundamental, irão aprender muitas coisas.

Referências Bibliográficas

CANEN, Ana. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CONNELL, Robert W. **Schools and Social Justice**. Montreal: Our Schools/Our Selves Education Foundation, 1993.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.